

Cristiane

Seminário de Redes cotidianas de conhecimento e tecnologia

Minhas impressões:

Em primeiro lugar quero dizer da importância da iniciativa, pois que é a primeira vez que vejo discutida esta temática entre nós.

O encontro possibilitou algumas discussões interessantes a partir de algumas falas instigantes. Outras, não tanto, mas é sempre assim. Talvez o que eu tenha gostado não seja o que outros gostaram e assim todos não de ter saído satisfeitos.

Não pretendo comentar todos os trabalhos que isto não caberia num seminário de redes, em que se pode puxar alguns fios e não outros, uns em um momento e, mais tarde, voltar aos mesmos, ou puxar outros que possam, num segundo momento, mais nos interessar. O destaque maior, para mim, seria o importante texto e a igualmente importante fala de Denise Najmanovich, com quem sempre aprendo. Apenas recomendaria a leitura imperdível. Num mundo em que tanto se copia e se repete, Denise está sempre trazendo novas reflexões.

Meu segundo destaque seria para o belo e coerente trabalho do Carlos Eduardo Ferraço que, como ninguém, traz a força da prática, a magia do cotidiano, a complexidade da sala de aula e do processo de ensinar e aprender. Com a simplicidade que encanta, vai trazendo as falas das professoras, as formas criativas que elas encontram para resolver as situações desafiadoras com que se deparam a cada dia e, o que mais me impressiona, o profundo respeito com que lida com as professoras. Se alguém duvida da possibilidade de *aceitar o outro enquanto legítimo outro* conforme propõe Maturana, a prática do Carlos Eduardo é a evidência de ser possível e da riqueza que pode advir desta postura. A lê-lo sempre e a ouvi-lo onde ele possa falar pois ele sempre trará novas façanhas das professoras nesta rede de saberes docentes que ele vem tecendo com delicadeza.

Agora o que me pareceu importante ser discutido:

Para mim uma primeira questão que gostaria de problematizar seria a intervenção de Nilda sobre o conceito de redes. Segundo ela, Henri Lefebvre teria se referido, talvez uma única vez e sem ter aprofundado, a uma *distinção entre redes e semi-redes*. Para Nilda, *semi-redes seriam as falsas redes, que se caracterizariam pela linearidade e pelo controle, enquanto as verdadeiras redes seriam impossíveis de controlar*.

A minha reflexão leva à idéia de que tanto umas quanto outras são, efetivamente, **redes** – rede é o que vivemos neste seminário, em que cada um/a vem de um lugar diferente, trazendo uma história particular, tendo vivido experiências diferentes, se diferenciando dos/das demais por sua condição de nacionalidade, naturalidade, origem de classe social, gênero, etnia, faixa etária, formação e tantas e tantas outras condições que nos fazem diferentes. Mas que todas as nossas diferenças se aproximam no que nos trouxe aqui – o nosso interesse comum em melhor compreender como se produz o conhecimento na escola e na sociedade, como reage a escola às novas tecnologias, o que cada um/a de nós vem aprendendo/descobrendo sobre o cotidiano escolar e social.

Diferentes fios que convergiram para este espaço, movidos pelo interesse comum e que, sem dúvida, terão produzido, ao final, um interessante tapete de idéias – de diferentes lãs ou linhas, de diferentes cores e tonalidades, de diferentes texturas, de diferentes comprimentos – uns mais finos outros mais longos, uns mais grossos outros mais finos, uns mais agradáveis de tocar outros mais ásperos, uns mais alegres outros mais severos, uns já repetitivos outros mais inovadores. Um todo (o tapete), feito de tantas diferenças (cada fio) que, no avesso do tapete poderão ser identificadas nos diferentes desenhos que cada um/a teceu e que, mais uma vez nos farão pensar sobre a relação todo – partes, em que o todo é mais do que a soma das partes e cada parte se constitui em um todo, conforme aprendemos com Morin.

Tampouco concordo com a definição trazida por Alain Gras de que “ *uma rede é um sistema de controle, um centro de regulação*”. É isto, mas não só isto.

Para mim, uma rede é sempre um lugar de surpresas, impossível de ser controlado, dada a sua complexidade. Daí eu optar por denominá-las Redes Rizomáticas, a partir de Deleuze e Guattari. Por que? Porque mesmo as redes mais autoritárias, mais controladas, são incontroláveis, pelo seu destino de liberdade, de indeterminação, de surpresa, de provisoriedade, de, por serem caóticas se auto-organizarem e reorganizarem de formas sempre provisórias, muitas vezes poiéticas (quando revelam o seu lado mais criativo) e outras como um vórtice, se tornam impossíveis de ler, pois que se embarçam no redemoinho(embora saibamos que se não lutamos contra a fúria do redemoinho e nos entregamos a seu movimento incontrolável, podemos voltar à tona e nos salvar).

Valendo-me do que Edwiges nos trouxe a partir do Bhabha – *já a palavra rede é por si ambígua* – pode ser rede de pegar peixes ou borboletas ou moscas, rede de descansar ou dormir ou de fazer amor se formos capazes de nos equilibrar sem perder o tesão, rede de cabelo, redes usadas em circos ou pelo Corpo de Bombeiros para amortecer o choque de quem cai, rede que separa o campo para jogos como volley ou nas cestas de basket, ou a rede do goal no jogo de futebol, ou a rede de esgoto, de água, de gás, ou as redes de rádio, de televisão, ou redes de informações, ou a rede elétrica(que hoje se transformou em obsessão coletiva no Brasil), ou a rede do tráfico de drogas, ou uma rede de espionagem, ou a Máfia, velha rede que consegue ser mais esperta do que o FBI, e muitas mais há, redes que podem ser isto e aquilo, que são um entre-lugar, às vezes se revelando isto, outras vezes aquilo, pois trazem a possibilidade de controle e de subversão do controle.

Senão, vejamos. A Rede Globo de Televisão é, sem dúvida, uma rede, sujeita a um controle quase absoluto, autoritário, no dizer de Boaventura, trazido por Teresa Esteban, seria uma *rede regulação*. No entanto, quando acontece um apagão, e inúmeras vezes isto já aconteceu, a possibilidade de controle se revela inoperante. O planejamento não pode ser seguido, os horários não podem ser respeitados, a capacidade de controle é rompida. E, como não se trata de falha dos funcionários, seja os técnicos seja os artísticos, não podem sequer punir os culpados. Trata-se de um momento de transgressão do instituído em que o caos(no mau sentido, para os que detêm o poder na rede) se instala.

Assim também aconteceu quando a diretoria da TV Globo suspendeu o programa do Chico Anísio, velho e popular artista. O seu programa foi suspenso porque ele fez algumas críticas

à forma de administrar a programação da atual diretoria da rede. Ele saiu do script a que todos estão submetidos e mostrou as entranhas da Rede. Como é esperada adesão absoluta, o “vestir a camisa” que todas as empresas exigem de seus colaboradores/empregados, Chico Anísio foi suspenso. O que a diretoria não contava era com o prestígio do artista junto ao público. E como, mais do que controlar o que dizem de quem pretende estar sempre sintonizada com o público, a diretoria precisa faturar e atender às pesquisas de opinião, Chico Anísio voltou. Controle? Sim, mas não tanto, pois há sempre a possibilidade de transgressão, dada a ambivalência de qualquer rede.

Outro exemplo que trago é o do Pentágono, a rede mais poderosa que se conhece. Poder que vez por outra é contestado pelos rackers que invadem sem cerimônia a rede e estabelecem o caos, impossível de controlar. Controle? Sim, mas não tanto, pois há sempre o espaço da transgressão, desafiando o controle e a onipotência de quem pensa poder tudo.

Mais um exemplo - o das redes bancárias. Controlam, burocratizam, devassam as vidas privadas de todos os cidadãos, transformam as pessoas em números, códigos, saldos, extratos, juros, limites, empréstimos, débito e crédito. No entanto, o sistema bancário mundial vive apavorado com estes incontroláveis rackers que entram nos sistemas, mexem em contas, mudam, retiram, roubam, brincam, desafiam em atos de subversão ao establishment. Controle? Não tanto quanto gostariam os donos dos bancos, que se pensavam inexpugnáveis em seu sistema de controle.

O quero dizer é que as redes, emancipação ou regulação, são redes rizomáticas e por tal, incontroláveis, podendo em alguns momentos se tornar mais autoritárias em outros mais libertárias, seja qual possa ser a intenção expressa pelos que a controlam, ainda que digam não fazê-lo, que sempre alguém pretende controlar – o chefe, o coordenador, o presidente, o gerente, o professor, o diretor, o mais velho, o que se pensa mais sábio ou mais esperto.

A meu juízo, nenhuma rede é absolutamente emancipatória ou absolutamente regulatória, se quisermos seguir a denominação de Boaventura. Elas trazem sempre a ambivalência a que se refere Bhabha – elas são isto e aquilo, podem ser isto e aquilo. E o que me parece interessante é que estes momentos de transgressão ou de subversão desmoralizam o controle, deixando desconsertados os que se acreditam absolutamente poderosos.

Se assim é, e eu estou defendendo que sim, não poderíamos afirmar que algumas redes(as “verdadeiras redes”) sejam emancipatórias, pois que os micropoderes também se dão em redes comprometidas com a emancipação. Algumas vezes o controle não aparece à primeira vista porque a hegemonia se dá na rede através de formas sutis de persuasão, resultado de negociações e traduções, outras vezes, quando surgem formas de resistência, individual ou coletiva, as formas persuasivas são substituídas por formas mais coercitivas, que podem levar à ruptura – a rede se rompe porque as alianças se desfazem.

Para mim uma rede se revela em seu aspecto criativo quando os componentes da rede estão em contínuo processo de negociações, traduções e hibridizações (mais uma vez o Bhabha), o que a mantém em permanente movimento de alternância de aspectos de iteração e de inovação, provocando em todos e todas que dela participam estar em permanente mudança. As palavras-chave seriam movimento – mudança – provisoriedade – criação.

Estas redes, mais democráticas ou autoritárias, são riquíssimos espaços de produção ou tessitura de conhecimentos que vão se dando no cotidiano, espaço regido pela indeterminação (Heisenberg), pelo acaso e pela necessidade (Monod) que, se escovamos a contrapelo (Benjamin) vão fazendo aparecer o escondido, o silenciado, o não dito ou dito de outra forma, o surpreendente, o impossível de controlar. No cotidiano vão aparecendo as zonas de instabilidade oculta(Fanon), as dobras se entreabrem (les plis de René Thöm e sua teoria das catástrofes), e os fractais se nōs revelam (Mandelbrot).

O cotidiano é um turbilhão, impossível de domesticar, onde iteração e criação coexistem, e mais, onde se aprende que iteração nunca é o mesmo ainda que seja repetição, pois ao repetir, muda, já não sendo o mesmo (Bhabha).

E vimos aqui, na fala de Inês, a confirmação do que acabo de afirmar. Os cadernos com que trabalhou com as professoras, os cadernos que eram os mesmos a princípio e que, expostos ao uso, iam adquirindo caras diferentes, pois cada usuária de cada caderno imprimia a sua marca única - repetia (fazendo os mesmos exercícios que a professora lhes mandava fazer), mas criando (o desenho, a figura colada, a guirlanda colorida, a barra, ou mesmo, o tipo de letra, a cor da caneta). Os mesmos cadernos mas nunca iguais. Cada caderno trazia a marca da diferença. Iteração e criação, como sói acontecer.

O que já sabíamos desde os gregos com a mimesis, confirmado por Bhabha em sua discussão de iteração e criação na mímesis, Inês nos traz materializado nos cadernos de professoras. Os cadernos (o mesmo), com os exercícios uniformes (o mesmo), mas que no exercício do mesmo vão recebendo as marcas únicas de cada uma das professoras (a criação). Portanto, iteração e criação no mesmo processo. O diferente que se revela a cada momento do cotidiano. Deleuze, Guatarri, Serres, Derrida. Autores que, com o perigo de estar simplificando, poderíamos dizer serem os filósofos da diferença, o fazem de formas diferentes – falam de diferença de formas diferentes por caminhos diferentes.

E porquê citei tantos autores e ainda poderia ter puxado muitos outros fios desta rede que estamos fiando, tecendo, bordando, cantando e contando, em prosa e em verso?

Não por pernosticismo acadêmico, do que muito me envergonharia pelo ridículo, e ao qual sou tão crítica. Mas para dizer que à complexidade do cotidiano, impossível de apreender com os recursos limitantes das fronteiras disciplinares, fomos rompendo a divisão disciplinar e, como rizomas, transversalizando os diferentes campos do conhecimento, sem pedir licença, em busca de auxílio para melhor compreender a incompreensível realidade cotidiana que nos desafia. Quando acreditamos tê-la compreendido, ela nos escapa e nos desafia mais uma vez a ver o que antes não víamos, pois não compreendíamos.

É interessante observar que o grupo de Nilda e o meu grupo e tantos outros grupos de insurgentes, que estão na mesma busca, se encontram em certos momentos (por exemplo, em Boaventura , em de Certeau, em Ginzburg, em von Foerster, em Najmanovich) e em outras situações, se afastam, cada um puxando outros fios e entrando em diálogo com outros/outras autores/as, criando novas formas, novos coloridos nestes bordados epistemológicos que compõem um grande painel que acaba sempre por nōs reaproximar.

Não resistimos a aprender umas com as outras, e também com os outros, a nos surpreender com os insights reveladores do novo, a nos maravilhar com aprender com aqueles e aquelas a quem antes ensinávamos.

Estamos criando novas epistemologias, novas formas de dizer estas descobertas que vamos fazendo e que muitas vezes nos assustam. Estamos relendo a teoria a contrapelo, onde aspectos de iteração e de criação nos surpreendem, pois a escola repete e inova, inova repetindo e repete inovando. E estamos aprendendo com as feministas a escrever uma escrita feminina, mais doce, mais musical, mais preocupada com uma nova estética escritural. Não sei se chegaremos ao que vem fazendo Glória Anzaldúa com o seu Spanglish, nem inglês nem espanhol, inglês e espanhol, uma escrita híbrida de uma mulher que vive na fronteira e que, porque vive na fronteira, em todos os sentidos, rompeu com a oposição ou/ou e se coloca numa perspectiva do e/e - no entre-lugar.

Neste processo vamos nos hibridizando, influenciando e sendo influenciadas/os em contínuos processos de negociação e tradução.

Estamos num entre-lugar que vai rompendo com as oposições nas quais fomos formadas/os, mas que, porque estão em nossa história e em nossa formação, vez por outra, renascem. E lá estamos nós a julgar a partir do certo ou errado, do bom ou mau, do belo ou feio, do sujeito ou objeto, da prática ou teoria., da objetividade ou subjetividade.

Nestes momentos de recaída, aparece sempre o alerta amoroso, ou nem tanto, e a possibilidade de aprofundarmos nossas discussões e aprendermos umas com as outras.

Nossos encontros são sempre muito ricos, pois se dão efetivamente como encontros – pessoas que se encontram, que marcam encontros, que se encontram por acaso (Ah, o acaso), e como encontros no sentido de acertos de contas, de trocas, de descobertas, de ensinar e aprender, de fortalecer cumplicidades.

Teve um outro tema que me provocou e que gostaria de compartilhar com vocês - o vídeo e suas possibilidades como arte e como recurso pedagógico.

Para mim, o vídeo apresentado pretendia ser arte e fonte de informação (afinal, foi encomendado com esta intenção).

Em minha avaliação, como arte é pouco, pois já vi muita coisa que segue a mesma estética com resultados muito melhores, e como fonte de informação, confuso, informando menos porque preso a uma preocupação esteticista. Imediatamente me lembrei do extraordinário trabalho que vem sendo realizado por Bill Viola, para mim, o melhor de tantos outros. Bill Viola é um vídeo artista, reconhecido no mundo das artes como importante artista – ousado, inovador, sensível, perfeito na técnica e importante no conteúdo. Em sua última exposição trabalha com os sentimentos mais fortes dos seres humanos – alegria, tristeza, amor, ódio. Como Borges (citado no Seminário) Viola viola as regras de dentro das regras. O vídeo é a linguagem de que se vale para fazer Arte. Seu trabalho é único e, por tal, reconhecível, onde esteja sendo apresentado. E mais, nas exposições de Bill Viola, o espectador não é

mero assistente, mas interfere sobre as obras, pode mudar o olhar de acordo com a posição que ocupa no espaço, vira-se, vê dois trabalhos ao mesmo tempo, corta como se fizesse a montagem de um filme, tem tempo de entrar em sintonia com um trabalho de sua escolha no momento, interage, dialoga, pois se trata de uma obra aberta.

Quando assisto a uma exposição de Viola, sinto-me implicada e confirmo o que aprendi com a Física de que o olhar do observador influi sobre o fenômeno observado.

Durante a apresentação do vídeo sobre o Guggenheim de Bilbao no Seminário, além do Viola, me lembrei de Frederick Wiseman, gênio do documentário. Vai a campo sem roteiro, leva a filmadora e deixa a realidade cotidiana falar. Não interfere. A cada um de seus filmes que assisti, eu me perguntava intrigada, onde ficava a filmadora, onde estava quem filmava, pois que dava sempre a impressão de que as pessoas sendo filmadas não se sentiam sendo filmadas. Wiseman filma sempre o cotidiano, poeta do cotidiano que é. Parece não ter pressa. O ritmo do filme é de um Kiarostami ou de um Kurosawa, nunca de um Tarantino. E os temas Escola, Prisão, Hospital, Lei e Ordem, Manicômio, Habitação Pública vão, a cada documentário, sendo apresentados sem tomar partido, sem discursos moralistas ou politicamente corretos. É a realidade que fala em toda a sua complexidade, em toda a sua ambivalência. Quanto temos nós, que pretendemos dar voz aos historicamente silenciados, a aprender com Wiseman. Ele nos ensina que dar voz não é falar pelo outro, mas apenas criar espaços para que o outro fale. Sábio – Wiseman.

Mas lembrei também de Robert Altman que, de repente, compreendi ter feito um filme em rede – Short Cuts, em que as personagens aparecem, desaparecem, reaparecem como fios que vão sendo puxados freneticamente de um emaranhado de fios, histórias que se entrelaçam, se confundem, se distinguem, se aproximam e se afastam, nos deixando na ponta da cadeira, pois encostar é impossível. Rede. Um filme em rede.

Mas como quem conta um conto acrescenta um ponto, eis que outro filme em rede me vem à memória – How to make an American quilt. Aliás, não se trata de um filme em rede, mas de um filme-rede. Delicada e bela história contada à medida que um grupo de mulheres vai costurando/bordando uma colcha em patchwork e, com cada retalho, de diferentes desenhos de diferentes tamanhos e formas e de diferentes cores, vai sendo também costurada a história de cada uma daquelas mulheres, compondo a história de um grupo de mulheres. Histórias que se entrelaçam, vidas que se aproximaram e se afastaram nos tempos em que com-viveram. Outro ritmo, diferente do ritmo frenético de Short Cuts. Lento como a vida, moderato cantabile em linguagem musical, filme que comove, que faz sofrer, que faz rir. Filme que também fala da vida cotidiana de pessoas simples e que, na aparente banalidade daquelas vidas simples vai revelando a complexidade e a riqueza do cotidiano. Mulheres simples americanas, de etnias e faixas etárias diferentes, que vão trazendo retalhos diferentes, com os quais criam uma American quilt e, no tecer a quilt, vão também trazendo retalhos de suas histórias. E assim, recuperam a sua condição de narradoras que, contando de novo as suas experiências, algumas comuns outras particulares, imprimem *a marca de narrador como a mão do oleiro deixa a sua marca na argila do vaso que esculpe*. Mulheres que recuperam pequenas histórias perdidas na história maior das mulheres comuns americanas de uma pequena cidade.

Isto tudo para dizer que valeu todo o esforço de vocês organizando o Seminário de Redes e que eu agradeço por ter compartilhado tudo o que juntas aprendemos e o muito que ainda poderemos descobrir do que ainda não sabemos que aprendemos naqueles dias.

Muitos fios ainda teremos de puxar desta rede de conhecimentos.

Com o meu carinho
Regina